

Prólogo
Coldwater, Maine
Catorze meses atrás

Os dedos do espinheiro arranhavam a vidraça da janela atrás de Harrison Grey, e ele dobrou o canto da página, não conseguindo mais ler com o barulho. Um furioso vento de primavera tinha assolado a casa a noite inteira, uivando e assobiando, fazendo as persianas baterem contra as tábuas da janelas com um repetitivo *bang! bang! bang!* O calendário pode ter entrado em março, mas Harrison sabe que isso não significa que a primavera está a caminho. Com uma tempestade chegando, ele não se surpreenderia em ver o terreno congelado e branco pela manhã. Para abafar os gritos cortantes do vento, Harrison mexeu no controle remoto, aumentando o volume de “Ombra mai fu” de Bononcini. Então ele pôs mais lenha na lareira, perguntando a si mesmo, não pela primeira vez, se ele ainda teria comprado a fazenda se soubesse quanto combustível era necessário para aquecer um pequeno cômodo, imagine todos os nove.

O telefone tocou.

Harrison atendeu na metade do segundo toque, esperando ouvir a voz da melhor amiga de sua filha, que tinha o irritante hábito de ligar na última hora possível na noite anterior à data de entrega do dever de casa.

Uma respiração rasa e rápida soou no seu ouvido antes que uma voz quebrasse a estática. “Precisamos nos encontrar. Quando você pode estar aqui?”

A voz flutuou por Harrison, um fantasma de seu passado, deixando-o gelado até os ossos. Fazia muito tempo que ouvira aquela voz pela última vez, e ouvi-la agora só poderia significar que algo estava errado. Terrivelmente errado. Ele percebeu que o fone em sua mão estava escorregadio de suor, e sua postura, rígida.

“Uma hora,” ele respondeu simplesmente.

Ele colocou o fone no lugar lentamente. Fechou os olhos, sua mente viajando para o passado sem querer. Houve um tempo, quinze anos atrás, quando ele congelava com o toque do telefone, os segundos soando como tambores enquanto esperava que a voz do outro lado falasse. À medida em que o tempo passou, um ano pacífico seguiu o outro, e ele eventualmente se convenceu de que era um homem que havia fugido dos segredos do seu passado. Era um homem vivendo uma vida normal, um homem com uma família linda. Um homem sem nada a temer.

Na cozinha, parado perto da pia, Harrison se serviu de um copo de água e bebeu de um gole só. Estava completamente escuro do lado de fora, e seu reflexo pálido como cera o encarava de volta da janela à sua frente. Harrison assentiu, como se dissesse a si mesmo que tudo ficaria bem. Mas seus olhos pesavam com mentiras.

Ele afrouxou a gravata para aliviar a tensão dentro de si, que parecia esticar sua pele, e serviu-se de outro copo de água. A água nadava desconfortável dentro dele, ameaçando voltar. Colocando o copo na pia, ele pegou as chaves do carro no balcão, hesitando uma vez como se para mudar de ideia.

Harrison parou o carro e desligou os faróis. Sentado na escuridão, a respiração transformando-se em fumaça, ele absorveu a visão das casas desorganizadas de tijolos numa região miserável de Portland. Faziam anos – quinze, para ser exato – desde que ele esteve naquela vizinhança, e dependendo de sua memória enferrujada, ele não tinha certeza de estar no lugar certo. Ele abriu o porta luvas e recuperou um pedaço de papel amarelado pelo tempo. *Monroe, 1565*. Ele estava quase saindo do carro, mas o silêncio das ruas o incomodou. De baixo do seu banco, tirou um Smith & Wesson carregado e o enfiou na cintura das calças, na parte de trás. Ele não usava uma arma desde a

faculdade, e nunca fora de um campo de tiro. O único pensamento claro em sua mente era que ele esperava poder dizer o mesmo daqui a uma hora.

O barulho dos sapatos de Harrison pareciam altos no asfalto deserto, mas ele ignorou o ritmo, escolhendo focar sua atenção nas sombras formadas pela lua prateada. Encolhendo-se ainda mais no casaco, ele passou por pátios sujos fechados com correntes, as casas além deles escuras e fantasmagoricamente calmas. Duas vezes ele teve a sensação de ser seguido, mas quando olhou para trás, não havia ninguém.

Em Monroe, 1565, ele entrou pelo portão e circulou até a parte de trás da casa. Bateu à porta uma vez e viu uma sombra mover-se por trás das cortinas.

A porta abriu um pouco.

“Sou eu,” Harrison disse, mantendo a voz baixa.

A porta abriu somente o suficiente para que ele passasse.

“Você foi seguido?” perguntaram-lhe.

“Não.”

“Ela está em perigo.”

O coração de Harrison acelerou. “Que tipo de perigo?”

“Quando ela fizer dezesseis anos, ele virá por ela. Você tem que levá-la para longe. Para algum lugar onde eles nunca a encontrem.”

Harrison balançou a cabeça. “Eu não entendo-”

Ele foi interrompido por um olhar ameaçador. “Quando fizemos este acordo, eu o avisei que haveria coisas que você não entenderia. Dezesseis é uma idade amaldiçoada no – no meu mundo. É tudo que você tem que saber,” ele terminou bruscamente.

Os dois homens vigiaram um ao outro, até que finalmente Harrison acenou a cabeça.

“Você tem que cobrir seus rastros,” ele foi informado. “Onde quer que você vá, você terá de recomeçar. Ninguém pode saber que você é do Maine. *Ninguém*. Ele nunca irá parar de procurar por ela. Você entendeu?”

“Eu entendi.” *Mas sua esposa entenderia? E Nora?*

A visão de Harrison estava se ajustando à escuridão, e ele notou com uma descrença curiosa que o homem na sua frente parecia não ter envelhecido um dia que fosse desde seu último encontro. Na verdade, ele não tinha envelhecido desde a faculdade, quando se conheceram como colegas de quarto e rapidamente viraram amigos. *Um truque das sombras?* Harrison imaginou. Não havia mais nada a que atribuir isso. Uma coisa havia mudado, no entanto. Havia uma pequena cicatriz na base da garganta de seu amigo. Uma marca de queimadura, alta e brilhante, pouco mais que uma moeda. Tinha o formato de um punho. Para seu choque e horror, Harrison percebeu que seu amigo havia sido marcado. Como gado.

Seu amigo sentiu a direção do seu olhar, e seus olhos ficaram frios, defensivos. “Existem pessoas que querem me destruir. Querem me desmoralizar e desumanizar. Junto com um amigo de confiança, formei uma sociedade. Mais membros estão sendo iniciados o tempo inteiro.” ele parou de repente, como se incerto sobre quanto mais deveria falar, e terminou bruscamente, “Nós organizamos a sociedade para nos dar proteção, e eu jurei lealdade a isso. Se me conhece tão bem quanto costumava, você sabe que farei qualquer coisa para proteger meus interesses.” Ele pausou e adicionou quase distraidamente, “E meu futuro.”

“Eles marcaram você.” Harrison disse, esperando que seu amigo não detectasse a repulsão que estremeceu dentro dele.

Seu amigo simplesmente olhou para ele.

Depois de um momento, Harrison assentiu, sinalizando que ele entendia, mesmo que não aceitasse. Quanto menos soubesse, melhor. Seu amigo deixara isso claro inúmeras vezes. “Há algo mais que eu possa fazer?”

“Só mantenha-a segura.”

Harrison empurrou seus óculos para cima. Ele começou desajeitadamente, “Eu achei que você poderia gostar de saber que ela cresceu forte e saudável. Nós a chamamos de Nor-”

“Não quero ser lembrado de seu nome,” seu amigo interrompeu duramente. “Fiz tudo em meu poder pra apagar isso da minha mente. Não quero saber nada sobre ela. Quero minha mente livre de qualquer traço dela, para não ter nada pra informar àquele desgraçado.” Ele virou as costas, e Harrison tomou isso como uma dispensa. Harrison ficou parado um momento, tantas perguntas na ponta da língua, mas ao mesmo tempo sabendo que nada bom viria de pressioná-lo. Sufocando sua necessidade de encontrar um sentido nesse mundo negro que sua filha não tinha feito nada para merecer, ele saiu.

Ele só havia se afastado meio bloco quando um som de tiro rasgou a noite. Instintivamente, Harrison abaixou-se e virou de volta para a casa. *Seu amigo*. Um segundo tiro soou, e sem pensar ele correu de volta. Atravessou o portão e tomou um atalho pelo jardim. Tinha quase rodeado a última esquina quando vozes discutindo o fizeram parar. Apesar do frio, estava suando. O quintal estava envolvido em escuridão, e ele moveu-se lentamente pela parede do jardim, com cuidado para evitar chutar pedras soltas que pudessem denunciá-lo, até que a porta dos fundos pudesse ser vista.

“Última chance,” disse uma voz suave e calma que Harrison não reconheceu.

“Vá pro inferno,” seu amigo cuspiu.

Um terceiro tiro. Seu amigo gritou de dor, e o atirador gritou acima dele, “Onde ela está?”

Coração palpitando, Harrison sabia que tinha que agir. Mais cinco segundos e seria tarde demais. Ele deslizou a mão nas costas e pegou o revólver. Segurando com as duas mãos para estabilizar a arma, ele foi até a porta, aproximando-se do atirador de cabelos negros por trás. Harrison viu seu amigo além do atirador, mas quando fez contato visual, a expressão dele se encheu de alarme.

Vá!

Harrison ouviu a ordem de seu amigo tão alta quanto um sino, e por um momento acreditou que ele tinha gritado. Mas quando o atirador não se virou surpreso, Harrison percebeu com uma confusão fria que a voz de seu amigo havia soado somente em sua mente.

Não, Harrison pensou de volta, balançando silenciosamente a cabeça, seu senso de lealdade superando o que ele não conseguia compreender. Esse era o homem com quem passara quatro dos melhores anos de sua vida. Que havia lhe apresentado à sua esposa. Ele não iria deixá-lo ali à mercê de um assassino.

Harrison puxou o gatilho. Ele ouviu o tiro ensurdecido e esperou que o atirador caísse. Harrison atirou novamente. E de novo.

O jovem de cabelos escuros virou-se devagar. Pela primeira vez na vida, Harrison sentiu medo real. Medo do jovem à sua frente, com a arma na mão. Medo da morte. Medo do que aconteceria com sua família.

Ele sentiu os tiros atravessarem-no com um calor abrasador que parecia transformá-lo em um milhão de pedaços. Ele caiu de joelhos. Viu o rosto de sua mulher, seguido pelo de sua filha. Abriu a boca, seus nomes nos lábios, e tentou achar um jeito de dizer o quanto as amava antes que fosse tarde demais.

O jovem tinha as mãos em Harrison agora, arrastando-o para o beco atrás da casa. Harrison podia sentir a consciência fugindo enquanto lutava sem sucesso para ficar em pé. Ele não podia falhar com sua filha. Não haveria ninguém para protegê-la. Esse atirador de cabelos escuros iria encontrá-la e, se seu amigo estava certo, matá-la.

“Quem é você?” Harrison perguntou, as palavras fazendo o fogo se espalhar por seu peito. Ele se prendeu à esperança de que ainda havia tempo. Talvez pudesse avisar Nora do próximo mundo – um mundo que se fechava sobre ele como mil penas negras caindo.

O jovem observou Harrison por um momento antes que o menor dos sorrisos quebrasse sua expressão gélida. “Você pensou errado. Definitivamente é tarde demais.”

Harrison olhou pra cima rapidamente, assustado que o assassino tinha adivinhado seus pensamentos, e não pôde evitar imaginar quantas vezes o jovem havia estado nessa mesma posição antes, para adivinhar os pensamentos finais de um homem. Não poucas.

Como se para provar quanta prática tinha, o jovem apontou a arma sem nem um pouco de hesitação, e Harrison se encontrou encarando o cano da arma. A luz do tiro brilhou, e foi a última imagem que viu.

Capítulo 1

Praia Delphic, Maine

Dia atual

Patch estava em pé atrás de mim, as mãos no meu quadril, seu corpo relaxado. Ele tinha quase 1,90 de altura e um corpo magro e atlético que mesmo jeans folgados e uma camiseta não conseguiam esconder. A cor do seu cabelo desafiava a meia noite, com olhos combinando. Seu sorriso era sexy e avisava de um perigo, mas eu decidi que nem todo perigo é ruim.

Acima, fogos iluminavam o céu noturno, fios de cor chovendo no Atlântico. A multidão fazia ooh e ahh. Era final de junho, e o Maine estava mergulhando no verão com os dois pés, celebrando o começo de dois meses de sol, areia e turistas com dinheiro. Eu estava celebrando dois meses de sol, areia e bastante tempo exclusivo para Patch. Tinha me matriculado em um curso de férias – química – e tinha toda a intenção de deixar Patch monopolizar o resto do meu tempo livre.

O departamento de bombeiros estava disparando os fogos de uma doca que não ficava a mais de duzentos metros do local onde estávamos, e eu sentia a explosão de cada um deles na areia sob meus pés. Ondas quebravam na praia abaixo de nós, e música de parque tocava no volume máximo. O cheiro de algodão doce, pipoca, e carne assando pairavam no ar, e meu estômago me lembrou que eu não comia desde o almoço.

“Vou pegar um cheeseburger,” eu disse a Patch. “Quer algo?”

“Nada do cardápio.”

Eu sorri. “Ué, Patch, está flertando comigo?”

Ele beijou minha cabeça. “Ainda não. Vou pegar seu cheeseburger. Aproveite os últimos fogos.”

Eu segurei uma das presilhas de cinto em sua calça para pará-lo. “Obrigada, mas eu vou comprar. Não aguento a culpa.”

Ele ergueu as sobrancelhas em uma pergunta.

“Quando foi a última vez que a garota na barraca de hambúrguer deixou você pagar por comida?”

“Faz algum tempo.”

“*Nunca*. Fique aqui. Se ela o vir, vou passar o resto da noite com peso na consciência.”

Patch abriu a carteira e tirou uma nota de vinte. “Deixe uma boa gorjeta.”

Foi minha vez de erguer as sobrancelhas. “Tentando se redimir por todas as vezes em que aceitou comida grátis?”

“Da última vez que paguei, ela me seguiu e enfiou o dinheiro no meu bolso. Eu estou tentando evitar ser apalpado de novo.”

Soava inventado, mas conhecendo Patch, provavelmente era verdade.

Eu procurei o final de uma longa fila que se enroscava na barraca de hambúrguer, achando-o perto da entrada do carrossel. Julgando pelo tamanho da fila, estimei uma espera de quinze minutos para fazer o pedido. Uma barraca de hambúrguer na praia inteira. Parecia anti-americano.

Depois de alguns minutos de espera impaciente, eu estava olhando em volta entediada pela décima vez quando notei Marcie Millar dois lugares atrás de mim na fila. Marcie e eu temos ido à mesma escola desde o jardim de infância, e nesses onze anos vi mais dela do que gostaria de lembrar. Por causa dela, a escola inteira tinha visto mais das minhas roupas íntimas do que necessário. No ensino fundamental, o *modus operandi* dela era roubar meu sutiã do armário do ginásio e prendê-lo ao quadro de avisos do lado de fora dos escritórios principais, mas ocasionalmente ela ficava criativa e usava como centro de mesa no refeitório – ambos os lados cheios de pudim de baunilha e cerejas em cima. Elegante, eu sei. As saias de Marcie eram dois tamanhos menores e doze centímetros curtas demais. Seu cabelo era louro avermelhado, e ela tinha o formato de um pirulito – vire-a de lado e ela desaparece. Se houvesse um placar marcando as vitórias e derrotas entre nós, tenho certeza de que Marcie teria o dobro dos meus pontos.

“Oi,” eu disse, encontrando seu olhar sem querer e não vendo como evitar uma saudação mínima.

“Oi,” ela retribuiu no que passava por um tom civilizado.

Ver Marcie na praia Delphic essa noite era como jogar O Que Está Errado Nessa Imagem? O pai de Marcie era dono da concessionária da Toyota em Coldwater, sua família morava em uma vizinhança chique, e os Millars se orgulhavam de serem os únicos cidadãos de Coldwater bem-vindos no prestigioso Harraseeket Yacht Club. Neste minuto, os pais de Marcie provavelmente estavam em Freeport, correndo em veleiros e pedindo salmão.

Em contraste, Delphic era a favela. O pensamento de um clube de iates era hilário. O único restaurante era uma barraca de hambúrguer com a escolha de ketchup ou mostarda. Num dia bom, batatas fritas eram oferecidas. O entretenimento se inclinava para videogames e carrinhos de bate-bate, e depois que escurecia, o estacionamento era conhecido por vender mais drogas que uma farmácia.

Não era o tipo de ambiente em que o Sr. e a Sra. Millar iriam querer que sua filha fosse poluída.

“Podem ir mais devagar, pessoal?” Marcie gritou da fila. “Alguns de nós estão morrendo de fome aqui.”

“Só tem uma pessoa trabalhando no balcão,” eu disse a ela.

“E daí? Eles deveriam contratar mais pessoas. Oferta e procura.”

Dada sua média escolar, Marcie era a última pessoa que deveria mencionar economia.

Dez minutos depois, eu tinha feito progresso, e estava perto o bastante pra ler a palavra MOSTARDA escrita em canetinha preta na garrafinha amarela. Atrás de mim, Marcie estava trocando o peso de pé e suspirando.

“Definindo com D maiúsculo,” ela reclamou.

O cara à minha frente na fila pagou e levou sua comida.

“Um cheeseburger e uma Coca,” eu disse à garota trabalhando na barraca.

Enquanto ela preparava meu pedido na grelha, eu virei de volta para Marcie.

“Então. Você está aqui com quem?” Eu não me importava particularmente com quem ela tinha vindo, especialmente já que não tínhamos amigos em comum, mas meu senso de gentileza falou mais alto. Além disso, Marcie não fazia nada abertamente rude para mim há semanas. E nós estávamos em uma paz relativa pelos últimos quinze minutos. Talvez fosse o início de uma trégua. Deixar o passado pra trás e tudo aquilo.

Ela bocejou, como se falar comigo fosse mais tedioso de que esperar numa fila e

encarar as nucas dos outros. “Sem ofensa, mas não estou a fim de conversa. Estou numa fila pelo que me parecem cinco *horas*, esperando por uma garota incompetente que obviamente não consegue fazer dois hambúrgueres por vez.”

A garota no balcão estava de cabeça baixa, concentrada em tirar o hambúrguer do plástico, mas eu sabia que ela tinha ouvido. Ela provavelmente odiava seu emprego. Ela provavelmente cuspiu nos hambúrgueres quando virava de costas. Não me surpreenderia se no final do seu turno, ela sentasse no carro e chorasse.

“Seu pai não se importa que você esteja na praia Delphic?” perguntei a Marcie, estreitando os olhos um pouco. “Pode prejudicar a estimada reputação da família Millar. Especialmente agora que seu pai foi aceito no Harraseeket Yacht Club.”

A expressão de Marcie ficou gélida. “Estou surpresa que seu pai não se importe que você esteja aqui. Oh, espere. É isso mesmo. Ele está morto.”

Minha reação inicial foi choque. Minha segunda foi indignação com a crueldade dela. Um nó de raiva inchou na minha garganta.

“O que?” Ela argumentou com um dar de ombros. “Ele está morto. É um fato. Você quer que eu minta sobre os fatos?”

“O que eu fiz a você?”

“Você nasceu.”

Sua completa falta de sensibilidade me desnor-teou – tanto que eu nem tinha uma resposta. Peguei meu cheeseburger e Coca-Cola do balcão, deixando a nota de vinte em seu lugar. Eu queria muito correr de volta para Patch, mas isso era entre eu e Marcie. Se eu aparecesse agora, um olhar para minha expressão e Patch saberia que algo estava errado. Eu não precisava arrastá-lo para o meio disso. Ficando sozinha por um momento para me recuperar, achei um banco fora do campo de visão da barraca de hambúrguer e sentei tão graciosamente quanto pude, sem vontade de dar a Marcie o poder de arruinar minha noite. A única coisa que podia deixar esse momento pior era saber que ela estava assistindo, satisfeita por ter me enfiado num pequeno buraco negro de autopiedade. Eu mordeu o cheeseburger, mas deixou um gosto ruim na minha boca. Tudo em que eu conseguia pensar era carne morta. Vacas mortas. Meu próprio pai morto.

Joguei o cheeseburger no lixo e continuei andando, sentindo lágrimas deslizarem na minha garganta.

Abraçando meus cotovelos com força, corri para o banheiro no final do estacionamento, esperando conseguir entrar em um box antes que as lágrimas começassem a cair. Havia uma fila saindo do banheiro feminino, mas me enfié pela porta e parei em frente a um dos espelhos sujos. Mesmo com a iluminação fraca, eu podia notar que meus olhos estavam vermelhos e brilhantes. Molhei um lenço de papel e o pressionei contra meus olhos. Qual era o problema da Marcie? O que eu havia feito a ela que era cruel o bastante pra merecer isso?

Inspirando lentamente para me acalmar, ajeitei minha postura e construí um muro de tijolos na minha mente, colocando Marcie do outro lado dele. Quem se importava com o que ela dizia? Eu nem mesmo gostava dela. A opinião dela não significava nada. Ela era rude e egoísta e foi um golpe baixo. Ela não me conhecia, e definitivamente não conhecia meu pai. Chorar por qualquer palavra que saísse de sua boca era uma perda de tempo.

Supere isso, eu disse a mim mesma.

Esperei até que a vermelhidão dos meus olhos passasse para sair do banheiro. Eu andei pela multidão, procurando por Patch, e o encontrei em um dos jogos de atirar bolas, de costas para mim. Rixon estava a seu lado, provavelmente apostando na incapacidade de Patch derrubar um pino de boliche que fosse. Rixon era um anjo caído que tinha um longo histórico com Patch, e sua ligação era tão profunda quanto uma irmandade. Patch não aceitava muitas pessoas em sua vida, e confiava em menos pessoas ainda, mas se havia alguém que conhecia todos os seus segredos, esse alguém era Rixon.

Até dois meses atrás, Patch também havia sido um anjo caído. Então ele salvou

minha vida, ganhou suas asas de volta, e tornou-se meu anjo da guarda. Ele deveria jogar para os mocinhos agora, mas eu sentia secretamente que sua conexão com Rixon e o mundo dos anjos caídos eram mais importantes para ele. E apesar de eu não querer admitir, eu sentia que ele não gostara da decisão dos arcanjos de transformá-lo em meu anjo da guarda. Afinal, não era o que ele queria.

Ele queria ser humano.

Meu celular tocou, me tirando de meus pensamentos. Era o toque da minha melhor amiga, Vee, mas deixei cair na caixa de mensagens. Com um aperto de culpa, eu notei vagamente que era a segunda ligação dela que eu evitava hoje. Justifiquei-me com o pensamento de que a veria amanhã logo pela manhã. Patch, por outro lado, eu não veria até amanhã à noite. Eu planejava aproveitar cada minuto que tinha com ele.

Eu o observei jogar a bola para uma mesa com seis pinos de boliche, meu estômago se enchendo de borboletas quando sua camiseta subiu nas costas, revelando uma faixa de pele. Eu sabia por experiência própria que cada centímetro dele era de músculo bem definido. Suas costas eram perfeitas e macias também, as cicatrizes de quando ele caíra substituídas por asas – asas que nem eu, nem qualquer humano podíamos ver.

“Aposto cinco dólares que você não consegue fazer isso de novo,” eu disse, aproximando-me dele.

Patch olhou para trás e sorriu. “Não quero seu dinheiro, Anjo.”

“Vamos lá, crianças, mantenham a conversa em censura livre,” Rixon disse.

“Todos os três pinos que faltam,” desafiei Patch.

“De que tipo de prêmio estamos falando?” ele perguntou.

“Caramba,” Rixon falou. “Isso não pode esperar até vocês ficarem a sós?”

Patch sorriu secretamente para mim, depois moveu seu centro de gravidade, acolhendo a bola em seu peito. Ele abaixou o ombro direito, girou o braço, e mandou a bola voando em direção à mesa tão forte quanto conseguiu. Ouviu-se um *crack!* Alto e os três pinos remanescentes caíram da mesa.

“Ah, agora você está encrencada, garota,” Rixon gritou para mim sobre a comoção causada por alguns observadores, que estavam batendo palmas e assobiando para Patch.

Patch apoiou-se na barraca e ergueu as sobrancelhas para mim. O gesto dizia tudo: *Pague*.

“Você teve sorte,” eu disse.

“Eu estou prestes a *ter* sorte.”

“Escolha um prêmio,” o velho que cuidava da barraca falou, se abaixando para pegar os pinos caídos.

“O urso roxo,” Patch disse, e aceitou um urso de pelúcia horroroso com pelo roxo sujo. Ele o estendeu para mim.

“Pra mim?” eu disse, pondo uma mão no coração.

“Você gosta dos rejeitados. No mercado, você sempre pega as latas amassadas. Eu tenho prestado atenção.” Ele enganchou um dedo na cintura do meu jeans e me puxou para perto. “Vamos sair daqui.”

“O que você tem em mente?” mas eu estava me sentindo aquecida e flutuante por dentro, porque sabia exatamente o que ele tinha em mente.

“Sua casa.”

Sacudi a cabeça. “Não dá. Minha mãe está em casa. Poderíamos ir para a *sua* casa,” respondi.

Estávamos juntos há dois meses, eu ainda não sabia onde Patch morava. E não por falta de tentativa. Duas semanas de relacionamento pareciam tempo o suficiente pra ser convidada para a casa dele, principalmente já que Patch morava só. Dois meses parecia tempo demais. Eu estava tentando ser paciente, mas minha curiosidade

continuava se intrometendo. Eu não sabia nada sobre os detalhes íntimos da vida de Patch, como a cor da tinta de suas paredes. Se seu abridor de latas era elétrico ou manual. A marca do seu sabonete. Se seus lençóis eram de algodão ou seda.

“Deixe-me adivinhar,” eu disse. “Você mora em um condomínio secreto enterrado na periferia da cidade.”

“Anjo.”

“Há pratos sujos na pia? Roupas íntimas sujas no chão? É bem mais privado que a minha casa.”

“Verdade, mas a resposta ainda é não.”

“Rixon já viu sua casa?”

“O Rixon tem que saber.”

“E eu não?”

Sua boca estremeceu. “Há um lado negro em saber.”

“Se você me mostrasse, teria que me matar?” eu chutei.

Ele me envolveu com os braços e beijou minha testa. “Algo assim. Que horas você tem que voltar pra casa?”

“Dez. O curso de férias começa amanhã.” Isso, e minha mãe tinha praticamente tomado como trabalho de meio-período achar oportunidades para me separar de Patch. Se eu tivesse saído com Vee, tenho certeza de que meu horário seria esticado até as dez e meia. Eu não podia culpar minha mãe por não confiar em Patch – houve um ponto na minha vida em que me senti assim também – mas seria realmente conveniente se ela relaxasse a vigilância de vez em quando.

Como, por exemplo, essa noite. Além disso, nada aconteceria. Não com meu anjo da guarda a centímetros de mim.

Patch olhou para o relógio. “Hora de ir.”

Às 10:04, Patch fez um cavalo-de-pau na frente da casa e estacionou perto da caixa de correio. Ele desligou o motor e os faróis, deixando-nos sozinhos no terreno escuro. Ficamos daquele jeito por alguns momentos antes que ele dissesse, “Por que tão calada, Anjo?”

Eu imediatamente fiquei alerta. “Estou calada? Só perdida em pensamentos.”

Um sorriso imperceptível passou pela boca dele. “Mentirosa. O que está errado?”

“Você é bom,” eu disse, perceptiva.

Seu sorriso aumentou um pouco. “Realmente bom.”

“Esbarrei em Marcie Millar na barraca de hambúrguer,” admiti. Que maneira de manter meus problemas para mim mesma. Obviamente eles ainda estavam queimando sob a superfície. Por outro lado, se eu não pudesse falar com Patch, com que mais eu poderia falar? Dois meses atrás nosso relacionamento envolvia um bocado de beijos espontâneos nos nossos carros, fora dos nossos carros, sob as arquibancadas, e em cima da mesa da cozinha. Também envolvia um bocado de mãos-bobas, cabelo bagunçado, e batom borrado. Mas era bem mais que isso agora. Eu me sentia conectada a Patch emocionalmente. Sua amizade valia mais pra mim do que cem conhecidos. Quando meu pai morreu, ele deixou um vazio imenso dentro de mim que ameaçava me devorar por dentro. O vazio ainda estava lá, mas a dor não era tão profunda. Eu não via o sentido de ficar presa ao passado, quando tinha tudo que eu queria *agora*. E eu tinha que agradecer Patch por isso. “Ela foi gentil o bastante para me lembrar de que meu pai está morto.”

“Quer que eu fale com ela?”

“Isso soou como *O Poderoso Chefão*.”

“O que deu início a essa guerra de vocês?”

“Aí é que está. Eu nem mesmo sei. Costumava ser sobre quem conseguia pegar o último achocolatado no refeitório. Então um dia no ensino fundamental, ela pintou 'vadia' no meu armário. Ela nem tentou esconder. A escola inteira estava olhando.”

“Ela enlouqueceu assim? Sem motivo?”

“É.” Nenhum que eu conseguisse ver, pelo menos.

Ele passou uma mecha do meu cabelo para trás da minha orelha. “Quem está vencendo a guerra?”

“Marcie, mas a diferença não é tão grande.”

Seu sorriso cresceu. “Va pegá-la, tigresa.”

“E mais uma coisa. *Vadia?* Eu não tinha nem beijado ninguém. Marcie devia ter pintado o próprio armário.”

“Parece que a ligação caiu, Anjo.” Ele deslizou um dedo por baixo da alça da minha camiseta, seu toque enviando eletricidade pela minha pele. “Aposto que consigo tirar a Marcie da sua mente.”

Algumas luzes estavam acesas no andar de cima da casa, mas já que não vi o rosto de minha mãe pressionado contra nenhuma das janelas, deduzi que tínhamos algum tempo. Eu tirei o cinto de segurança e me inclinei em sua direção, encontrando a boca de Patch na escuridão. Beijei-o lentamente, saboreando o gosto de sal marinho na sua pele. Ele se barbeara pela manhã, mas sua barba já arranhava meu queixo. Sua boca passou de leve pela minha garganta e eu senti sua língua, fazendo meu coração se debater contra minhas costelas.

Seu beijo se moveu para meu ombro. Ele abaixou a alça da minha camiseta e deslizou os lábios pelo meu braço. Naquele momento, eu queria ficar o mais próxima possível dele. Não queria que ele fosse embora nunca. Precisava dele em minha vida agora, e amanhã, e no dia depois. Precisava dele como nunca precisara de ninguém.

Pulei para o outro banco, subindo no seu colo. Deslizei minhas mãos pelo seu peito, abracei seu pescoço, e o puxei pra mais perto. Seus braços circularam minha cintura, me prendendo contra ele, e eu me aconcheguei mais.

Levada pelo momento, passei minhas mãos por baixo de sua blusa, pensando somente sobre como eu amava sentir seu calor corporal se espalhando pelas minhas mãos. Assim que meus dedos tocaram o local em suas costas onde as cicatrizes costumavam ficar, uma luz distante explodiu no fundo da minha mente. Escuridão completa, partida por uma explosão de luz cegante. Era como assistir um fenômeno cósmico a milhões de quilômetros no espaço. Senti minha mente sendo sugada para dentro da de Patch, para todos os milhares de memórias particulares guardadas ali, quando de repente senti minha mão sendo afastada por ele, para longe do local onde suas asas encontravam suas costas, e tudo voltou ao normal.

“Boa tentativa,” ele murmurou, seus lábios tocando os meus enquanto falava.

Mordi se lábio inferior. “Se você pudesse ver meu passado somente tocando minhas costas, você teria dificuldade em resistir também.”

“Eu tenho dificuldade em manter minhas mãos longe de você sem esse bônus.”

Eu ri, mas minha expressão ficou séria rapidamente. Mesmo me concentrando, mal conseguia lembrar de como era minha vida sem o Patch. À noite, quando estava na cama, conseguia lembrar com perfeita clareza do timbre da sua risada, da maneira que seu sorriso curvava ligeiramente para a direita, o toque de suas mãos – quentes, macias, e deliciosas na minha pele. Mas só com um esforço considerável conseguia lembrar dos últimos dezesseis anos. Talvez porque aquelas memórias empalidescessem quando comparadas a Patch. Ou talvez porque não havia nada bom ali.

“Nunca me deixe,” eu disse a Patch, enganchando um dedo na gola de sua camisa e puxando-o.

“Você é minha, Anjo,” ele sussurrou, tocando as palavras no meu maxilar enquanto eu arqueava meu pescoço, convidando-o a beijar todos os lugares. “Você me tem para sempre.”

“Me mostre que você está falando sério,” eu disse solenemente.

Ele me examinou por um momento, depois tocou a nuca e desprendeu a corrente

prateada simples que ele usava desde que o conheceu. Eu não fazia ideia de onde ele tinha conseguido aquela corrente, ou o significado por trás dela, mas sentia que era importante para ele. Era a única joia que ele usava, e ele a mantinha enfiada na camisa, perto da pele. Eu nunca havia visto-o tirá-la.

Suas mãos deslizaram para a base do meu pescoço, onde ele prendeu a corrente. O metal caiu na minha pele, ainda quente do contato com ele.

“Eu a ganhei quando era um arcanjo,” ele disse. “Para me ajudar a discernir verdades de mentiras.”

Eu passei o dedo pela corrente gentilmente, impressionada com sua importância. “Ainda funciona?”

“Não para mim.” Ele entrelaçou nossos dedos e virou minha mão para beijar os dedos. “Sua vez.”

Eu tirei um pequeno anel de cobre do dedo e o estendi para ele. Um coração havia sido gravado a mão na parte de dentro do anel.

Patch segurou o anel entre seus dedos, examinando-o silenciosamente.

“Meu me deu isso semanas antes de ser assassinado,” eu disse.

Patch levantou o olhar. “Não posso aceitar isso.”

“É a coisa mais importante do mundo para mim. Eu quero que você fique com ele.” Eu dobrei seus dedos sobre o anel.

“Nora.” Ele hesitou. “Não posso aceitar isso.”

“Me prometa que você vai ficar com ele. Me prometa que nada ficará entre nós.” Segurei seu olhar, recusando-me a deixá-lo olhar para outro lado. “Não quero ficar sem você. Não quero que isso acabe.”

Os olhos de Patch eram negros, mais escuros que um milhão de segredos empilhados. Ele baixou o olhar para o anel em sua mão, virando-o lentamente.

“Prometa que você nunca vai deixar de me amar,” eu sussurrei.

Ele acenou brevemente.

Agarrei sua gola e o puxei contra mim, beijando-o ainda mais fervorosamente, selando a promessa entre nós. Prendi meus dedos entre os seus, a borda afiada do anel mordendo nossas palmas. Nada que eu fizesse parecia me deixar próxima o bastante dele, nenhuma quantidade dele era o suficiente. O anel marcou mais profundamente minha mão, até que eu estava certa de que havia cortado minha pele. Uma promessa de sangue.

Quando eu pensei que meu peito iria colapsar sem ar, me afastei, descansando minha testa na dele. Meus olhos estavam fechados, minha respiração fazendo meus ombros subirem e descerem. “Eu te amo,” murmurei. “Mais do que acho que deveria.”

Esperei que ele respondesse, mas em vez disso seu abraço apertou, quase de forma protetora. Ele virou a cabeça na direção do bosque do outro lado da rua.

“O que está errado?” Perguntei.

“Eu ouvi algo.”

“Fui eu dizendo 'eu te amo',” eu disse, sorrindo enquanto traçava sua boca com o dedo.

Eu esperava que ele retribuísse o sorriso, mas seus olhos ainda estavam presos às árvores, que lançavam sombras mutantes à medida em que seus galhos balançavam com a brisa.

“O que está lá fora?” perguntei, acompanhando seu olhar. “Um coitado?”

“Algo não está certo.”

Meu sangue esfriou. E saí de seu colo. “Você está começando a me assustar. É um urso?” Não víamos ursos há anos, mas a fazenda era na periferia da cidade, e era sabido que ursos chegavam mais perto da cidade depois de hibernar, quando estavam famintos e procurando comida.

“Ligue os faróis e buzine,” eu disse. Prendendo meus olhos no bosque, procurei por

movimento. Meu coração acelerou um pouco, lembrando da vez em que meus pais e eu assistimos da casa enquanto um urso balançava nosso carro, farejando comida dentro.

Atrás de mim, as luzes da varanda piscaram. Não precisei me virar pra saber que minha mãe estava na porta, de cara feia e batendo o pé.

“O que é?” Perguntei mais uma vez. “Minha mãe vai sair. Ela está segura?”

Ele ligou o motor e engatou a marcha. “Vá para dentro. Há algo que tenho que fazer.”

“Ir para dentro? Você está *brincando*? O que está acontecendo?”

“Nora!” minha mãe gritou, descendo os degraus, seu tom nervoso. Ela parou a um metro do Jeep e fez sinal para que eu abaixasse a janela.

“Patch?” tentei mais uma vez.

“Ligo pra você mais tarde.”

Minha mãe abriu a porta. “Patch,” ela cumprimentou curtamente.

“Blythe.” Ele acenou distraidamente.

Ela virou para mim. “Você está quatro minutos atrasada.”

“Eu cheguei quatro minutos adiantada ontem.”

“Os minutos *não são* cumulativos. Para dentro. Agora.”

Sem querer ir antes que Patch me respondesse, mas sem ver outra opção, eu disse a ele, “Me ligue.”

Ele acenou, uma vez, mas o foco único de seus olhos me disse que seus pensamentos estavam em outro lugar. Assim que eu estava fora do carro e em terra firme, o Jeep pulou para a frente, sem perder tempo com aceleração. Onde quer que Patch estivesse indo, ele estava com pressa.”

“Quando eu lhe dou um horário limite pra chegar, eu espero que você o cumpra,” mamãe disse.

“Quatro minutos atrasada,” eu disse, meu tom sugerindo que ela podia estar exagerando.

Isso me rendeu um olhar que tinha desaprovação escrita por todos os lados. “Ano passado seu pai foi assassinado. Dois meses atrás, você teve sua própria experiência de quase-morte. Eu acho que ganhei o direito de ser superprotetora.” Ela andou tensa de volta para a casa, braços cruzados sobre o peito.

Ok, eu era uma filha ingrata e insensível. Argumento aceito.

Virei minha atenção para a fileira de árvores na beira da estrada. Nada parecia fora do normal. Esperei que um estremecimento me avisasse de que havia algo lá, algo que eu não podia ver, mas não senti nada errado. Uma brisa quente de verão soprava, o som de cigarras enchendo o ar. Se possível, o bosque parecia pacífico sob o brilho prateado do luar.

Patch não vira nada nas árvores. Ele foi embora porque eu dissera três palavras bem grandes e idiotas, que haviam escapado antes que eu pudesse evitar. O que eu estava *pensando*? Não. O que Patch estava pensando agora? Será que ele tinha fugido para não responder? Eu tinha quase certeza de que sabia a resposta. E tinha quase certeza de que ela explicava porque eu havia sido deixada encarando a traseira do Jeep.